



GUERRA TARIFÁRIA

Presidente dos Estados Unidos volta à ofensiva e diz que a relação comercial entre as duas nações tem sido péssima para os americanos. Chefe do Planalto chama declaração de mentirosa e enfatiza que país "não vai ficar de joelho" para o governo dos EUA

ANDREW CABALLERO-REYNOLDS/AFP



O Brasil tem sido um péssimo parceiro comercial em termos de tarifas. Eles nos cobram tarifas enormes. Agora, estão sendo cobrados em 50%*

Donald Trump, presidente dos EUA

Ricardo Stuckert / PR



É mentira que o Brasil seja mau parceiro. O Brasil é bom, só não vai andar de joelhos para o governo americano. Eles estão nos ameaçando todos os dias*

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil

Trump escala tensão; Lula revida ataque

» ISRAEL MEDEIROS

Com os produtos brasileiros chegando mais caros aos lares e empresas dos Estados Unidos desde a semana passada, o presidente norte-americano, Donald Trump, voltou a atacar o Brasil, ontem, em uma entrevista na Casa Branca. A retórica foi a mesma que usou quando anunciou o tarifaço: disse que a relação entre os dois países ficou prejudicial para os EUA. "O Brasil tem sido um péssimo parceiro comercial em termos de tarifas. Como vocês sabem, eles nos cobram tarifas enormes, muito maiores do que as que cobramos, e basicamente nem estávamos cobrando nada", argumentou o republicano. Horas depois, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva chamou de mentira a declaração do chefe de Estado americano.

Trump havia sido questionado sobre as tarifas aplicadas aos países da América Latina e a respeito da possível aproximação deles com a China. Ele se disse despreocupado e citou o Brasil como um

Mais importações

Os Estados Unidos são o segundo parceiro comercial para o qual o Brasil mais exporta, atrás apenas da China. A balança comercial do país com os americanos teve déficit de US\$ 1,67 bilhão no primeiro semestre deste ano; ou seja, o Brasil importa mais do que exporta para os EUA.

dos "piores países" do mundo para fazer negócios.

"Eles (referindo-se ao Brasil) nos trataram muito mal como parceiros comerciais por muitos e muitos anos, um dos piores. Um dos piores países da Terra para isso. Eles cobram tarifas enormes e tornaram muito difícil fazer qualquer coisa", frisou. "Agora eles estão sendo cobrados em 50% (nas tarifas), não estão felizes, mas é como a coisa funciona", acrescentou. As declarações de Trump ocorreram menos de 10 dias depois de a chantagem tarifária do republicano contra o

Brasil entrar em vigor.

Mais tarde, Lula rebateu o desafeto: "É mentira quando o presidente norte-americano diz que o Brasil é um mau parceiro comercial. O Brasil é bom, só não vai ficar de joelho para o governo americano", enfatizou, durante evento no município de Goiana, em Pernambuco. "O Trump fez uma insensatez com o Brasil porque nós somos parceiros americanos há 201 anos. Não é de hoje, são 201 anos de relação diplomática."

Ex-presidente

Trump também aproveitou para defender o ex-presidente Jair Bolsonaro, a quem chamou de um "homem honesto". "O Brasil tem algumas leis acontecendo, quando eles pegam um presidente e o colocam na prisão, ou estão tentando prendê-lo. Eu vou dizer a vocês: eu sou muito bom com as pessoas, e eu acho que ele é um homem honesto."

O chefe de Estado americano disse ser "terrível" o tratamento dispensado ao ex-presidente, que está em prisão domiciliar aguardando

ser julgado por liderar uma tentativa de golpe de Estado. "Acho que estão tentando fazer uma execução política com Bolsonaro. Acho que é terrível", completou.

O deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) — que articulou, nos últimos seis meses, contra autoridades brasileiras nos Estados Unidos para tentar beneficiar o pai — comentou as falas de Trump. "Agora imagine se Jair Bolsonaro for condenado. Qual seria a reação do presidente Donald Trump? O mundo todo está vendo um juiz ativista, Alexandre de Moraes, tentando fazer o que ele não consegue nas urnas: derrubar o maior líder político da América Latina", pontuou.

Nas urnas, no entanto, Bolsonaro foi derrotado em 2022, e se depender da Justiça, não aparecerá nelas ao menos até 2034, quando poderia voltar a concorrer a um cargo eletivo, caso não seja condenado pela tentativa de golpe, já que foi declarado inelegível em dois processos no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em 2023.

Na última terça-feira, a gestão Trump havia divulgado um relatório

abordando a situação dos direitos humanos no Brasil. O relatório, que cita poucas fontes e reproduz desinformação, encaixa-se na narrativa bolsonarista de que as instituições brasileiras, especialmente o Judiciário, estariam atacando a liberdade de expressão da direita no Brasil.

Violência

O documento citou o bloqueio de acesso de usuários a redes sociais, a restrição a conteúdos antidemocráticos e a "supressão desproporcional" da liberdade de expressão de Bolsonaro. Também abordou casos de violência no Brasil, desrespeito a leis trabalhistas e outras questões estruturais.

O relatório diz que a Constituição brasileira impede prisões arbitrárias e o direito à defesa, mas argumentou que esses princípios foram desrespeitados com os presos do 8 de Janeiro. A argumentação segue a mesma linha adotada por deputados e senadores de oposição que pressionam a cúpula do Congresso desde 2024 pela aprovação de uma anistia

aos golpistas que depredaram os prédios dos Três Poderes pedindo um golpe de Estado.

"Figuras políticas e grupos de direitos humanos alegaram que o governo manteve centenas de indivíduos acusados de participação nos protestos que levaram à invasão dos prédios governamentais em 8 de janeiro de 2023, detidos por vários meses sem apresentação de denúncias", diz o relatório. O governo norte-americano também reproduziu a falsa alegação de que os presos pelo 8 de Janeiro foram "privados de acesso a advogados". Não citou, no entanto, as fontes utilizadas para sustentar as afirmações.

Segundo o Supremo Tribunal Federal (STF), dos 1,4 mil presos do 8 de Janeiro, 141 permanecem na cadeia e outros 44 estavam em prisão domiciliar até a última terça-feira. Ao menos 112 já foram condenados por crimes relacionados às invasões. Há, ainda, 29 em prisão preventiva aguardando julgamento.

Leia mais sobre o tarifaço na página 7

Carolina Antunes/MS



Alexandre Padilha: "A gente tem orgulho de ter feito esse programa"

Padilha: americano é "inimigo da saúde"

» VICTOR CORREIA
» FERNANDA STRICKLAND
» IAGO MAC CORD*

O ministro da Saúde, Alexandre Padilha, rebateu ontem a mais recente sanção dos Estados Unidos contra autoridades brasileiras. Com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, disse ter orgulho do programa Mais Médicos e elogiou o trabalho dos dois servidores que tiveram vistos suspensos por atuarem na criação da política pública, em 2013. Sofreram sanções Mozart Sales, atual secretário nacional de Atenção Especializada à Saúde, e Alberto Kleiman, que era servidor da Casa Civil até dezembro do ano passado. Os dois trabalharam na criação do Mais Médicos durante o governo de Dilma Rousseff, quando Padilha também chefiava a Saúde.

"O último ataque à Saúde, eu preciso falar isso aqui, foi a sanção absurda que foi feita ontem

(terça) contra dois brasileiros — um deles, inclusive, pernambucano de coração, o dr. Mozart Sales — que tiveram pelo governo dos Estados Unidos os seus vistos, deles e das famílias, revogados porque participaram da criação do programa Mais Médicos", declarou Padilha. "Eu digo, ao querido Mozart Sales, Alberto Kleiman, e a todos que participaram do Mais Médicos: eu tenho orgulho do que vocês fizeram, eu tenho orgulho da luta de vocês", acrescentou.

O Departamento de Estado dos EUA, equivalente ao Ministério das Relações Exteriores, afirmou que a suspensão ocorreu porque os servidores teriam ajudado a "enriquecer" o governo de Cuba. Os dois eram diretores do Ministério da Saúde durante a criação do Mais Médicos. "Nossas ações mandam uma mensagem inconfundível de que os Estados Unidos promovem a responsabilização daqueles que

possibilitaram o esquema de exportação de trabalho forçado do regime cubano", disse o órgão.

Na sua criação, o Mais Médicos trouxe médicos de Cuba para suprir a falta de profissionais brasileiros. Ele foi extinto em 2019 pelo então presidente Jair Bolsonaro. De volta ao Planalto, em 2023, Lula retomou o programa, mas priorizando médicos nacionais.

Padilha afirmou que, durante o governo Dilma, técnicos do Ministério da Saúde percorreram diversos países em pesquisa antes de definir que o melhor acordo seria com Cuba. "Então, a gente não ia tubear. Em primeiro lugar está o interesse da saúde do povo brasileiro, não qualquer interesse de qualquer país. A gente tem orgulho, primeiro, de ter feito esse programa", disse. O ministro citou ainda que, atualmente, o programa tem 28 mil médicos em todo o país, sendo mais de 95% brasileiros.

No discurso, Padilha também criticou a relação do governo Trump com a Saúde, ressaltando que o republicano desmontou o apoio governamental à produção e pesquisa de vacinas, perseguiu cientistas e cortou os recursos enviados pelos EUA à Organização Mundial da Saúde (OMS). "Nós estamos enfrentando não só um tarifaço. Nós estamos enfrentando um inimigo da saúde", disse o ministro. Lula e Padilha inauguraram ontem a Fábrica de Hemoderivados da Hemobrás em Goiana (PE).

Lula também defendeu o programa e relação com Cuba. "É importante eles saberem que a nossa relação com Cuba é uma relação de respeito a um povo que está sendo vítima de um bloqueio há 70 anos e hoje está passando necessidade, declarou.

*Estagiário sob a supervisão de Cida Barbosa